

Comunicação, educação e semiótica: a importância das imagens na busca pela aceitação da diversidade

Communication, education and semiotics: the importance of images in the search for acceptance of diversity

Comunicación, educación y semiótica: la importancia de las imágenes en la búsqueda de la aceptación de la diversidad

Bruno Pompeu Marques Filho – Universidade de Sorocaba | Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba - PPGCC-Uniso | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: brupompeu@gmail.com | 

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de; DRIGO, Maria Ogécia. **Diversidade e livros didáticos**: artimanhas das imagens. Curitiba: Appris, 2020. 153p.

A zona intersticial criada pela sobreposição disciplinar da comunicação com a educação é, como se sabe, de uma complexidade imensa. É um vespeiro acadêmico, em que só arriscam tocar – ao menos com alguma relevância e gerando alguma contribuição – os que se mostram familiarizados com essa própria complexidade, mas também com a constância das incertezas, com a imprecisão das subjetividades, com o renovar dos grandes desafios e com o peso da responsabilidade. Comunicação e educação são dois campos autônomos, cada qual com suas preocupações, ambos, como quase tudo, em pleno processo de efervescência e transformação, os dois de extrema importância no contexto sociocultural contemporâneo. Uma atravessa praticamente todos as instâncias e todos os processos da vida cotidiana, dando-lhes nova feição, novas dinâmicas e novos sentidos; outra cuida daquilo que seremos no futuro, trata da construção da realidade social que projetamos. Ou seja: o que somos e o que vamos vir a ser – no que tudo isso tenha de melhor e de pior – passa hoje em dia – e passa cada vez mais – pela comunicação e pela educação.

• Recebido em 22 de setembro de 2020 • Aprovado em 09 de abril de 2021 • e-ISSN: 2177-5796

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Quando essas duas áreas do conhecimento se aproximam, as abordagens podem ser muitas, das mais variadas. E dessa variedade se ocupa Adilson Citelli, no prefácio do livro *Diversidade e livros didáticos: artimanhas das imagens*, lançado no ano de 2020, pela editora Appris. O que, de saída, já localiza a obra apresentada, tanto nessa interface interessante entre comunicação e educação – neste caso, aquela mais na perspectiva teórica, esta mais no objeto empírico –, quanto na contribuição que oferece. Trata-se de obra, como se nota tanto pelas palavras do prefaciador quanto pela leitura de suas páginas, corajosa que, em gesto raro nos tempos atuais, se desgarrar da letargia confortável das pesquisas menos comprometidas e se lança ao escrutínio das imagens de nada menos do que livros didáticos. E que se propõe, no fim das contas, a apontar caminhos de aperfeiçoamento nos processos de ensino e aprendizagem por meio do entendimento semiótico de que as imagens – as linguagens visuais – participam profunda e diretamente desses processos. A compreensão da semiótica como uma teoria da linguagem e do pensamento permite que o livro não seja um simples apanhado de análises semióticas mecanizadas e instrumentalizadas e mostre de que forma a concepção mais ampla da dimensão visual dos livros didáticos pode – e vai – participar dos processos educacionais.

Não que seja livro sustentado apenas nas teorias semióticas – neste caso, de assumida linhagem peirceana. Durante todo o texto o que se nota, pelo contrário, é um grande esforço das autoras em se construir base teórica ampla, diversificada e ao mesmo tempo coerente, que dê conta das inúmeras facetas do objeto de estudo escolhido, que se revelam ao longo da pesquisa. Nesse sentido, a presença reiterada de Michel Maffesoli, junto de outros autores escalados para contextualizar a obra no tempo contemporâneo – na pós-modernidade, como se diz no texto – revela-se duplamente interessante. Primeiro porque as próprias ideias de Maffesoli de que se servem as autoras são estupefacientes na lúcida interpretação dos dias atuais – algumas, inclusive, ao que tudo indica, antecipando o pensamento de outros autores também citados, como é o caso de Gilles Lipovetsky. Mas também porque revela um dos maiores valores do livro em análise, que é o de propor precisa e fina articulação entre o referencial teórico e o objeto empírico, como fica evidente no trecho a seguir.

A questão da interação torna-se importante na avaliação do estilo estético da contemporaneidade. Considerando-se que as sociedades se preocupam com a interação e que é sempre na relação com o outro que nos situamos, a estética se constitui como uma maneira de sentir e experimentar em comum. Os valores estéticos, por sua vez, nada mais são que as condições que tornam possível um novo vínculo social (SOUZA; DRIGO, 2020, p. 23).

Se o livro trata, no fim das contas, de imagens, de questões ligadas à estética, e vai passar por uma contextualização sociocultural e filosófica dos dias atuais, o uso de autores que fazem essa reflexão sobre o contemporâneo justamente valendo-se das imagens e do imaginário é bastante rentável.

No mundo das aparências, segundo Maffesoli (1995), o que importa são as coisas pelo que elas são nelas mesmas. Na ordem do político, do religioso, ou da simples organização social, nos ligamos cada vez mais nisso. As diversas modulações da aparência vêm com a moda, o espetáculo político, a teatralidade, a publicidade, a televisão etc., que formam um conjunto significativo de uma dada sociedade. Daí a necessidade de reflexão sobre a forma (SOUZA; DRIGO, 2020, p. 33).

A citação acima mostra o quanto o arcabouço teórico do livro é bem utilizado no revestimento conceitual do que está sendo estudado objetivamente – no caso, as imagens dos livros didáticos. A combinação da filosofia com a sociologia propicia um ponto de vista particularmente interessante, que permite uma abordagem profunda do assunto e que localiza a imagem, o imaginário e a estética no centro das muitas questões que envolvem a existência humana na contemporaneidade. Chegando, inclusive, aos impactos da digitalização das imagens:

A imagem sintética, numérica e a realidade virtual correspondem ao apogeu da “desimaginação” da imagem. A virtualidade, ao mesmo tempo que nos faz adentrar na imagem, recria uma imagem em três dimensões e abole a ilusão do passado e do futuro, por se dar em “tempo real”. Instaura a ilusão perfeita, recriadora, mimética. Extermina o real, determina a morte dos sentidos, pelo seu duplo (SOUZA; DRIGO, 2020, p. 39).

Reflexões como essa, profundamente intrincadas na relação entre tecnologia, imagem, pensamento e existência, fazem com que os capítulos iniciais, teóricos, sejam mais do que simples referência para o trabalho empírico. Servem para o alargamento do entendimento da importância das linguagens no contexto atual. Remetem, inclusive, a Vilém Flusser (2007, p. 143), quando ele diz:

O propósito das imagens é dar significados ao mundo, mas elas podem se tornar opacas para ele, encobri-lo e até mesmo substituí-lo. Podem constituir um universo imaginário que não mais faz mediação entre o homem e o mundo, mas, ao contrário, aprisiona o homem. A imaginação não mais supera a alienação, mas torna-se alucinação, alienação dupla.

Por mais que as autoras afirmem que, “na realidade virtual, as coisas se tornam transparentes, sem segredos, ou seja, não criam mais ilusão e, no entanto, ganham ironia” (SOUZA; DRIGO, 2020, p. 40), e o autor, por sua vez, fale em opacidade, para se referir às “tecnoimagens” do futuro – no caso, do presente –, o adensamento da discussão sobre a imagem

no contexto comunicacional, linguístico, cognitivo e sociocultural é um dos pontos mais interessantes do livro ora lançado. Que só pode ser alcançado, inclusive, por meio da compreensão plena das teorias que envolvem o assunto.

Quando o livro avança e alcança propriamente a semiótica, por exemplo, a delicada costura entre as categorias peirceana – primeiridade, secundidade e terceiridade – e os três principais heterônimos de Fernando Pessoa – Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis – deixa evidente que não estamos lendo o texto de alguém que entendeu apenas superficialmente a semiótica, nos seus conceitos ou na sua proposição metódica. É a assunção de uma perspectiva semiótica sobre a realidade – “epistemologia peirceana”, como sugere Santaella (2001, p. 16) – que faz com que as discussões propostas sejam mais profundas e, assim, alcancem urgência nas demandas contemporâneas.

É inclusive essa mesma perspectiva a que faz com que o trabalho empírico – a princípio o mais central ou relevante do livro – reste como meio para uma elaboração maior. Tanto que a riqueza de minúcias evidente nas discussões teóricas dos primeiros capítulos não se replica quando da explicitação dos processos de análise apresentados adiante. Por mais que o método semiótico tenha sido amplamente abordado em trecho anterior, o capítulo dedicado expressamente às análises dos livros didáticos é econômico na evidenciação dos procedimentos técnicos empregados pelas pesquisadoras. E diz-se isso não como crítica, mas como constatação de que, até sendo fiel aos princípios epistemológicos peirceano, o livro encontra no trabalho empírico um meio para se promover discussões teóricas.

E, ao fim e ao cabo, é isso o que importa. Porque não se trata de saber quantos livros possuem tal tipo de imagem, ou qual seria a porcentagem dos livros que representem o índio desta ou daquela forma. Tudo isso está no livro, mas nunca como um valor em si e, sim, como ponto de partida para a reflexão sobre o que essas expressividades imagéticas em livros didáticos significam junto aos processos cognitivos de ensino e aprendizagem. E mais: as discussões derivadas das análises mostram-se ainda importantes uma vez que trazem objetividade aos sentidos potencialmente produzidos pelo material. O uso da semiótica, não na interpretação das imagens faz com que os sentidos das imagens sejam postos em evidência, independentemente das eventuais intencionalidades declaradas. Em tempos como estes, em que uma suposta polarização cromática expressa determinada concepção sobre identidade de gênero, com discursos pouco alicerçados na sua defesa ou no seu combate, a mirada proporcionada pela semiótica mostra que

o signo se antepõe ao verbo, de modo que o que está expresso nas imagens dos livros importa mais do que aquilo que se possa usar como justificativa técnica ou explicação racional.

E se o que se constata é que, de uma forma geral, essas imagens contribuem mais para a manutenção do que para a transformação – de estereótipos, de diferenças, de separações –, sendo ainda em menor proporção as situações em que a linguagem visual ousa propor mudanças, as questões que se impõem são da maior relevância. Seria essa desproporção entre um grande conjunto de imagens que dificulta a aceitação da diversidade e um outro conjunto, menor, que concorre para o sentido oposto, o reflexo do próprio processo de transformação sociocultural que, como se sabe, é gradual e leva tempo? Ou estamos diante daquele tipo de ação emancipatória e transformadora que existe apenas na sua menor quantidade possível, somente para que se evitem as críticas e assim se possa seguir trabalhando no sentido da não-emancipação e da não-transformação? Daí que se indague também: quais devem ser as funções, os compromissos e as responsabilidades de um livro didático? Refletir em sua composição estético-visual o contexto cultural em que vivemos ou apresentar na sua complexidade sógnica novas possibilidades de entendimento da realidade, de modo a participar ativamente da construção dessa realidade, como instrumento da busca pela transformação social?

O capítulo final do livro ajuda a entender a complexidade e os paradoxos que residem, hoje em dia, na confluência da educação com a comunicação, sobretudo no que diz respeito às questões de gênero, étnicas, de identidade nacional e indígenas. São questões mais do que atuais: são questões urgentes. A aceitação do outro, o convívio com a diferença e o respeito à diversidade não são apenas valores em si no que se refere ao convívio social e à existência coletiva. Trata-se de princípios definidores do modelo de sociedade que temos e que – por meio da educação – vamos ter. A busca por uma condição social melhor e de maior desenvolvimento passa diretamente por essas questões que o livro faz suscitar.

Principalmente quando volta ao terreno da comunicação e nos obriga a pensar:

A mídia é detentora de um gênero discursivo que legitima a desigualdade social pela cor da pele, inicialmente pelo entendimento do povo como público, o que a distancia do comprometimento com causas verdadeiramente públicas ou com a afirmação da diversidade da sociedade brasileira (SOUZA; DRIGO, 2020, p. 86)

Nesse sentido, é interessante perceber, a partir da leitura do livro em confronto com o contexto atual, marcado sabidamente pela lógica do consumo, a importância de se cuidar dos discursos presentes nos produtos midiáticos como potenciais formadores de visões de mundo

mais ou menos comprometidas com o desenvolvimento social. Vivemos em um tempo em que o discurso publicitário, tal como enfatizam Pompeu e Perez (2020), se converte na referência de todos os discursos. É na sociedade de consumo, tal como ressaltam Pompeu e Perez (2020), Bauman (2008) e Lipovetsky (2007) – aquela em que se encaram todas as pessoas antes e acima de tudo na sua condição de consumidores – que o discurso publicitário passa a substituir todas as demais possibilidades midiático-comunicacionais. Causas e questões sociais importantes – sobretudo as ligadas à diversidade, muitas coincidentes com aquelas tratadas no livro em questão – passam a fazer parte do cotidiano publicitário das marcas dos mais variados segmentos, sem que ainda se dê muita conta do que pode haver de contraproducente, nocivo e perverso nesse tipo de situação, como ressaltam Santaella, Perez e Pompeu (2020).

De modo que a reflexão final ensejada pelo livro em debate seja das mais relevantes. Ancorando-se no pensamento de Sodré (2015), permite-se um entendimento crítico e responsável sobre os livros didáticos, que, como dispositivos a um só tempo educativos e comunicacionais, não devem prescindir da sua fun o primordial de formar – ou seja, de proporcionar o desenvolvimento psíquico, social e da razoabilidade. Em outras palavras: em um contexto em que o discurso do consumo se sobrepõe a todos os demais,   absolutamente indispensável cuidar para que outros discursos, efetivamente comprometidos com o bem-estar e o desenvolvimento social, como   o caso do dos livros didáticos, não percam a sua relevância e centralidade na contemporaneidade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transforma o das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CITELLI, Adilson. Prefácio. *In*: SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de; DRIGO, Maria Ogécia. **Diversidade e livros didáticos**: artimanhas das imagens. Curitiba: Appris, 2020.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunica o. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POMPEU, Bruno; PEREZ, Clotilde. As contribui es da publicidade de causa na constru o de um novo lugar para o consumo. **Revista M dia e Cotidiano**, Niterói, 2020. (no prelo).

SANTAELLA, Lucia; PEREZ, Clotilde; POMPEU, Bruno. Semiótica da causa nas rela es de consumo: os vínculos de sentido entre acaso, causa o eficiente e propósito em campanhas publicitárias. **Revista e-Comp s**, São Paulo, 2020. (no prelo).

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de; DRIGO, Maria Ogécia. **Diversidade e livros didáticos**: artimanhas das imagens. Curitiba: Appris, 2020.